



“¿Qué pasa, General?”: o periódico montonero El Peronista lucha por la liberación e o 1º de Maio de 1974

Palavras chave: Montoneros, Peronismo, Argentina

Autor: Pedro Henrique Salles da Nova Baruch

Orientador: José Alves de Freitas Neto

Vinculação: UNICAMP/IFCH

Email: p244797@dac.unicamp.br

Visto como o ponto máximo de tensão entre os *Montoneros* e Perón, o 1º de Maio de 1974 se constituiria como um marco disruptivo na relação de ambos. Tratada como uma assembleia e festejo dentro da ideologia peronista, a data era esperada com grande expectativa: para Perón, seria o primeiro dia do trabalhador em território argentino após seu exílio, que durou 18 anos; para os Montoneros, seria uma oportunidade única para falar e ouvir diretamente o presidente, questionando as práticas repressivas direcionadas para a esquerda e também colocando as reivindicações do grupo. A relação entre ambos, no entanto, já estava desgastada. Como demonstra Maristella Svampa¹, ao assumir a presidência e tentar aplicar seu projeto político “populista”, Perón se aliou à ala mais ortodoxa, à burocracia e ao sindicalismo, deixando para trás o elogio à juventude revolucionária e seu apelo à chamada “transferência geracional”². Para além de um afastamento, houve também conflitos ideológicos, políticos e também físicos, representada, por exemplo, pela Triple A e sua perseguição, desaparecimento e tortura aos militantes de esquerda. Os Montoneros estavam, em outras palavras, sendo sucessivamente excluídos por Perón do poder e, consequentemente, sendo ele o “enunciador primário”³, do próprio peronismo.

¹ Svampa, Maristella. El populismo imposible y sus actores, 1973-1976. Nueva Historia Argentina, 1955- - 1976, volumen IX, dirigido por Daniel James, Buenos Aires, Sudamericana, 2003.

² Ideia de que a juventude - grupo que majoritariamente compunha os Montoneros - o substituiria na liderança do peronismo.

³ Ver em: Sigal, Silvia; VERÓN, Eliseo. Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.

Os Montoneros, no entanto, permaneciam reivindicando Perón e se identificando enquanto peronistas. Para eles, as ações repressivas do governo não eram a real vontade do presidente. Este estaria cercado por “*gorillas*”, burocratas, imperialistas e sindicalistas de direita. A partir disso que o grupo, através de seus jornais, desenvolve a “teoria do cerco”: eximindo de Perón toda a responsabilidade, se o governo ia de encontro com o “peronismo revolucionário” dos *Montoneros* era porque este estava dominado por “inimigos do povo”. O 1º de Maio, nesse sentido, era a oportunidade ideal do grupo de romper com esse cerco e dialogar diretamente com Perón. Era também o momento de defender a “essência peronista”, a combativa e revolucionária, a qual o grupo encarnava. O desfecho, no entanto, foi outro: Perón expulsa os militantes da *Plaza de Mayo*, os chamando de “estúpidos que gritam”, dizendo que nada entendiam sobre o peronismo e que os verdadeiros peronistas estavam à sua frente, os sindicalistas e a ortodoxia.

Daí se sucede um rompimento político. A partir desse momento, a perseguição ao grupo e a “limpeza ideológica”⁴ se acentua. O rompimento ideológico, no entanto, não aconteceu. Mesmo com o legitimador último do peronismo⁵ deslegitimando a identificação peronista dos Montoneros, estes mantiveram sua reivindicação. A questão central da pesquisa é, portanto, entender as reformulações, mudanças e continuidades da identidade Montonera, compreendendo de que maneira estes continuam - ou tentam continuar - se legitimando enquanto peronistas e qual é o lugar de Perón em suas reivindicações.

Para tal, analisamos o jornal Montonero *El peronista lucha por la liberación* (EP). Os jornais foram sempre muito importantes para o grupo: para além de um meio de propagandear suas ideias - afinal, eram revolucionários - os periódicos tiveram um papel fundamental em centralizar e unificar a identidade *Montonera*.⁶ São neles, portanto, que o grupo imprime as principais formulações discursivas que dão sustento às suas identificações enquanto revolucionários e peronistas. Nesse sentido, o *EP*, por sua proximidade temporal com o recorte estabelecido - vai de 19 de abril até 28 de maio, contando com apenas 6 edições - permite compreender as questões aqui levantadas.

Assim, o que se percebeu com a análise das fontes e do fichamento da bibliografia é, após o 1º de Maio, uma descentralização ainda maior de Perón nas reivindicações *Montoneras*, além de uma crítica mais acentuada a sua figura. Se este já não fazia muito mais parte das

⁴ Rocío Otero, *Montoneros y la memoria del peronismo*. Buenos Aires, Editorial Prometeo, 2019.. Pág. 144/145

⁵ Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista.

⁶ Daniela Slipak, *Las revistas montoneras. Cómo la organización construyó su identidad a través de sus publicaciones*, Buenos Aires, Siglo XXI, 2015. pág.61

páginas das duas edições da *EP* que antecedem a data, nas 4 últimas o líder argentino, quando aparece, pouco aparece de forma elogiosa. É exemplificador a reportagem “*Salimos a la calle y preguntamos*”, na quarta edição da revista, do dia 14 de Maio. Nela, são entrevistados indivíduos dos mais diferentes grupos sociais, e não só militantes, e são feitas 3 perguntas: “*Fue en la Plaza de Mayo?*”; “*Qué le pareció el discurso del General Perón?*”; “*Qué opina de la actitud que tomó la gente de retirarse de la Plaza?*”. Todas as respostas dizem praticamente o mesmo: Perón errou; “*Perón está mal. Antes no era así*”; “*es inexplicable que ha dicho lo que dijo*”, etc. Por su vez, a própria manchete da 3 edição, do dia 4 de Maio, diz, direcionado diretamente à Perón, que o peronismo não estava de acordo com suas ações.

Uma análise das imagens também leva à mesma conclusão. Nas duas primeiras edições, as poucas imagens de Perón ocupam um papel secundário na revista, e o demonstram como um líder sorridente, de acordo com a figura populista que ele criara. Já na terceira edição, a primeira após o 1º de Maio, o teor muda: o rosto de Perón ocupa uma página inteira, o sorriso dá lugar à uma expressão séria, quase rancorosa, e o acompanha parte de sua fala no dia, “*esos estupidos que gritan*”, junto com a legenda “*Perón habla. El pueblo contesta*”.

A separação e a oposição entre a fala de Perón e as reivindicações do povo⁷ evidencia o movimento discursivo identificado pela pesquisa. Como já apontava Richard Gillespie, em seu clássico livro “*Perón o muerte*” após o rompimento político do 1º de Maio, Perón se descentraliza ainda mais na reivindicação *Montonera*. Em seu lugar, o grupo traz à tona outros símbolos do peronismo em suas páginas, como Eva Perón, o período de resistência à ditadura, a “natureza combativa” do peronismo a qual eles seriam os principais representantes, as falas históricas de Perón, etc. Em suma, portanto, o que se evidencia por parte dos *Montoneros* é a constituição de algo que eles próprios criticavam em seus opositores durante o exílio do líder argentino: o início de uma construção de um peronismo sem Perón.

Referências

Altamirano, Carlos. Peronismo y cultura de izquierda. Siglo Veintiuno. 3.ed, Buenos Aires, 2013.

Etulain, C. R. Peronismo e esquerda. 2001. 326f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas.

⁷ Que, na verdade, eram os *Montoneros*. A discussão sobre vanguarda, “porta-voz” do povo e quem encarnava sua verdadeira vontade - se era Perón ou o grupo - é extensa e não cabe aqui,

Gillespie, Richard. Soldados de Perón. Historia crítica sobre los montoneros. Buenos Aires: Sudamericana, 2011.

Myers, Jorge. Músicas distantes. Algunas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. Em: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

Riz, Liliana. La política en suspenso: 1996-1976, Historia argentina, Tomo 8. Buenos Aires: Paidós, 2000.

Rocío Otero. Montoneros y la memoria del peronismo. Buenos Aires: Editorial Prometeo, 2019.

Slipak, Daniela. Sobre los otros. Peronismos y alteridades en las revistas de la organización Montoneros (1973-1974). Papeles de Trabajo, Año 5, N° 8, noviembre 2011, pp. 92-116.

_____. Las revistas montoneras. Cómo la organización construyó su identidad a través de sus publicaciones. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.